



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Pollyana da Silva Marra

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE ASPECTOS SUBJETIVOS NAS DIRETRIZES DE
TRATAMENTO E GESTÃO: um estudo de caso realizado na coleção de *ex libris* da
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Brasília
2019

Pollyana da Silva Marra

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE ASPECTOS SUBJETIVOS NAS DIRETRIZES DE
TRATAMENTO E GESTÃO: um estudo de caso realizado na coleção de *ex libris* da
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Monografia apresentada como requisito básico para
obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia
pela Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes

Brasília

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM358i Marra, Pollyana da Silva
Identificação e análise de aspectos subjetivos nas
Diretrizes de tratamento e gestão: um estudo de caso
realizado na coleção de ex libris da Biblioteca Central da
Universidade de Brasília / Pollyana da Silva Marra;
orientador Ana Lucia de Abreu Gomes. -- Brasília, 2019.
60 p.

Monografia (Graduação - Biblioteconomia) -- Universidade
de Brasília, 2019.

1. Biblioteca Central. 2. Ex libris. 3. Obras Raras. 4.
Diretrizes de gestão. 5. Subjetividade. I. Gomes, Ana Lucia
de Abreu, orient. II. Título.



Título: Identificação e Análise de Aspectos Subjetivos nas Diretrizes de Tratamento e Gestão: um estudo de caso realizado na Coleção "ex-libris" da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Aluna: Pollyana da Silva Marra.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 11 de julho de 2019.

Ana Lúcia de Abreu Gomes - Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Eliane Braga de Oliveira – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Raphael Diego Greenhalgh – Membro
Bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Ivy Souza da Silva
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB)
Mestre em Conservação/UniRio

Para minha mãe Tomazia, meu pai Francisco,
meu irmão Leandro e meu esposo Jamenson,
pessoas que me dedicaram tempo e carinho.

AGRADECIMENTOS

Esta etapa representa o fechamento de um grande ciclo, em que tive o privilégio de poder compartilhar com pessoas maravilhosas que contribuíram, cada uma ao seu modo, em meu processo de crescimento acadêmico e profissional.

Agradeço a Universidade de Brasília por me permitir a oportunidade de vivenciar a experiência de cursar o ensino superior, realizando um grande sonho. Agradeço a minha orientadora professora Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes pelo acolhimento, pela paciência, dedicação, por todo incentivo e ajuda na elaboração desse trabalho. Não tenho palavras para descrever a importância que foi essa impecável orientação.

Agradeço a professora Dra. Eliane Braga de Oliveira, a professora Ivy Souza da Silva e ao Dr. Raphael Diego Greenhalgh por terem aceito o convite de compor a banca de avaliação deste trabalho de conclusão, em especial ao Dr. Raphael Greenhalgh pela colaboração nas informações sobre a coleção de *Ex libris* da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Ciência da Informação que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial a professora Dra. Eliane Braga de Oliveira por ter me iniciado no universo da pesquisa.

Agradeço aos meus pais, Francisco e Tomazia e ao meu irmão Leandro, que me deram todo incentivo, ajuda e muitas vezes força para superar cada obstáculo para chegar até aqui. Ao meu esposo Jamenson Araujo de Freitas que partilhou comigo do sonho de cursar o ensino superior, que me acompanhou, me acolheu e me ajudou de perto com sua parceria em todo esse caminho, agradeço ainda pela ajuda na formatação deste trabalho.

Agradeço aos amigos que fiz durante curso e aos colegas/amigos de trabalho, Zenildo Júnior, Paula Flausino, Gersa Cedraz, Gabriela Pereira de Mello, em especial às minhas chefes Márcia Helena e Marília Mello, por toda compreensão e aprendizado profissional.

Muito obrigada!

RESUMO

O objetivo do trabalho é apontar as possíveis questões subjetivas que influenciam as decisões acerca do tratamento técnico, da conservação e organização de obras raras, dando enfoque aos *ex libris*. Para tanto, foi realizado um estudo de caso das Diretrizes de tratamento e organização dos *ex libris* do Setor de Obras Raras da Biblioteca Central – BCE da Universidade de Brasília – UnB. Para compor o trabalho, foi feito um levantamento histórico da formação do acervo raro, a apresentação das Diretrizes e suas atualizações, por fim demonstrou-se as possíveis questões subjetivas no processo de formulação dessas normas.

Palavras-chave: Biblioteca Central. *Ex libris*. Obras Raras. Diretrizes de gestão. Subjetividade.

ABSTRACT

The objective of this work is to identify the possible subjective issues that influence the decisions of the technical treatment, conservation and organization of rare works, giving a focus to *ex libris*. For that, a case study of the Guidelines for the treatment and organization of *ex libris* of the Rare Works Sector of the Central Library - BCE of the University of Brasília - UnB was carried out. To compose the work, a historical survey was made of the formation of the rare collection, the presentation of the Guidelines and their updates, finally demonstrated the possible subjective questions in the process of formulating these norms.

Key words: Central Library. *Ex libris*. Rare Works. Treatment guidelines. Subjectivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do Edifício da Faculdade de Educação – Sala Papiros.....	15
Figura 2 - “[Diálogos de São Gregório],” Biblioteca Digital de Coleções Especiais	17
Figura 3 - Localização do Edifício SG-12.....	18
Figura 4 - Biblioteca Central - Edifício SG-12	18
Figura 5 - Inauguração do prédio definitivo em 1973	19
Figura 6 - <i>Ex libris</i> Homero Pires.....	23
Figura 7 - Caixas onde se encontram acondicionadas a coleção de Homero Pires	24
Figura 8 - Retrato de Jorge de Oliveira	25
Figura 9 - <i>Ex libris</i> de Jéssica de Oliveira feito por Jorge de Oliveira.....	26
Figura 10 - Retrato de Stella Maris Figueiredo Bertinazzo.....	28
Figura 11 - Sistema de identificação de tombo e colagem dos <i>ex libris</i> em papel neutro.....	31
Figura 12 - Acondicionamento em sistema de envelope de papel neutro	33
Figura 13 - <i>Ex libris</i> de Otto Floriano, modelo ortodoxo.....	37
Figura 14 - <i>Ex libris</i> de Golbery do Couto e Silva, modelo em selo.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2	Código de Catalogação Anglo-Americano
BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CDU	Classificação Decimal Universal
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Pedagógico
FE	Faculdade de Educação
FUB	Fundação Universidade de Brasília
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
UnB	Universidade de Brasília
MEC	Ministério da Educação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
FISAE	Federação Internacional de Sociedades dos Amadores de <i>Ex libris</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	14
1. A Biblioteca Central – Breve histórico.....	14
1.1 O Setor de Obras Raras.....	20
1.2 Coleção	20
1.3 Coleção de <i>Ex libris</i> da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.....	22
1.4 A atuação de Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo.....	24
1.5 Doação do acervo Jorge de Oliveira à Biblioteca Central	25
CAPÍTULO II.....	27
2 Diretrizes de Tratamento de <i>Ex libris</i>	27
2.1 Diretriz elaborada por Stella Maris em sua atuação: processos decisórios	28
2.2 Atualização da Diretrizes para a gestão e processamento técnico da coleção de <i>ex libris</i> do SiB-UnB.	32
2.3 Apontamentos sobre o tratamento dado ao acervo de Jorge de Oliveira.....	34
CAPÍTULO III	35
3 Aspectos subjetivos	35
3.1 Identificação de variáveis subjetivas nas diretrizes de tratamento e análise reflexiva e comparativa das variáveis identificadas	36
3.2 Quadro comparativo, proposta de Bertinazzo e atualização de Parpinelli e Greenhalgh, dos campos de catalogação	38
3.3 Quadro comparativo, proposta de Bertinazzo e atualização de Parpinelli e Greenhalgh, para processo de Classificação e Indexação.....	41
3.4 Organização	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	48
APÊNDICE A - DIRETRIZES	49

INTRODUÇÃO

O seguinte estudo foi proposto a partir do interesse em refletir acerca das variáveis subjetivas que influenciam as tomadas de decisão de gestores de obras raras, evidenciando o processo de tratamento, bem como a elaboração de diretrizes da gestão da coleção de *ex libris* da Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE. As variáveis aqui destacadas serão analisadas do ponto de vista prático da rotina de trabalho estabelecida no Setor de Obras Raras da Biblioteca Central, dando destaque ao processo de tratamento dos *ex libris*, o qual esse projeto se objetiva a estudar.

Para uma análise comparativa, será avaliada as diretrizes de tratamento e organização dos *ex libris*. Para realizar a comparação proposta, far-se-á necessária a análise das diretrizes elaboradas por Stella Maris Figueiredo Bertinazzo a partir da qual gerou um capítulo da publicação: *Ex libris: pequeno objeto de desejo*, bem como uma atualização proposta por Parpinelli e Greenhalgh, intitulado: Diretrizes para a gestão e processamento técnico da coleção de *ex libris* do SiB-UnB.

A esse estudo não caberá o esgotamento das questões trazidas, e sim, o entendimento desses pontos na perspectiva da ação do profissional que lida com as Obras Raras, especificamente *ex libris*. A partir do estudo teórico de alguns autores que versam sobre o tema, levantando questões que implicam a metodologia que será aplicada a cada coleção tratada, bem como as ações subjetivas que envolvem cada processo.

O objetivo geral da pesquisa é identificar e analisar as influências das variáveis subjetivas nos processos decisórios acerca da gestão de obras raras, bem como na elaboração de métodos aplicados nessa gestão, especificamente do tratamento dado aos *ex libris* que compõem o acervo raro da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Os objetivos específicos são:

- Apresentar a coleção de *ex libris* da Biblioteca Central da Universidade de Brasília; Analisar as diretrizes existentes de gestão de *ex libris*;
- Estabelecer um comparativo da diretriz proposta por Stella Maris Bertinazzo (2012) e a atualização proposta por Parpinelli e Greenhalgh (2018);
- Fazer uma análise reflexiva da influência das variáveis subjetivas no tratamento dado em cada caso;

- Analisar os métodos utilizados, bem como os resultados das metodologias sob o panorama da subjetividade das ações do profissional bibliotecário quanto a gestão documental dos *ex libris*.

A escolha do Setor de Obras Raras como campo de estudo, e em específico os *ex libris*, se dá pela importância dessas obras no que compete aos aspectos histórico-culturais. A preocupação com a conservação e gestão desses bens se torna importante para a salvaguarda da nossa história e de campo para pesquisas de diversas áreas quanto ao passado. São objetos elegidos como dignos de serem conservados pela sociedade por sua tipologia distinta, assim destaca Carvalho (2006) em seu pensamento.

Para melhor entendimento, será destacado o Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Bertinazzo (2012), em sua obra relata que esse setor possui um vasto acervo renomado na região Centro-Oeste, sendo campo de pesquisa da comunidade acadêmica tanto da própria Universidade de Brasília como de outros estados e também internacionalmente.

Bertinazzo (2012) também faz menção às obras que compõem o acervo. São manuscritos antigos e da modernidade, periódicos da literatura brasileira e portuguesa em suas primeiras impressões, edições artísticas, xilogravuras do século XVI ao século XXI. Obras de bibliotecas particulares como a do jornalista e político Carlos Lacerda. Possui ainda uma vasta coleção de *Ex libris*, que é o principal objeto de estudo. São obras que detêm extremo valor por sua excentricidade e raridade.

Esse estudo se faz importante, pois trata de aspectos que competem aos processos decisórios de um profissional que lida com obras raras, especificamente os *ex libris*, que possuem valor histórico e cultural, bem como o contexto ao qual se faz necessário a problematização de aspectos aqui abordados. Nota-se que ainda há muito a ser estudado sobre a influência dos aspectos subjetivos na prática do profissional, dando embasamento para que o profissional aponte das principais e possíveis estratégias aplicadas em sua gestão.

CAPÍTULO I

1. A Biblioteca Central – Breve histórico

Segundo Aquino e Nascimento (1989, p. 10), em 1958, quando Darcy Ribeiro ocupava o cargo de vice-diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) do Ministério da Educação (MEC), se dá início aos primeiros esforços para a criação da Universidade de Brasília (UnB). Já em 1960, é sancionado um decreto que cria uma comissão especial para projetar a UnB. A comissão era composta por Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer e Cyro dos Anjos.

Foi a partir da Lei 3.998 de 15 de dezembro de 1961, que autorizou a instituição da Fundação Universidade de Brasília - FUB, que se tem a previsão da criação da Biblioteca Central (BCE). Em seguida, com o Decreto 500 de 15 de janeiro de 1962, que instituiu a Fundação Universidade de Brasília, a Biblioteca Central figura como um dos órgãos complementares do *campus* da UnB, como afirmam Aquino e Nascimento (1989, p. 11). Os mesmos autores dizem ainda que, sendo a Biblioteca Central um órgão complementar, seria capaz de oferecer ensino de formação profissional, especializações e extensões acadêmicas que fossem aprovados por órgão competente.

Confirma-se então a instalação das dependências da Biblioteca Central no edifício do Ministério da Educação e Cultura pelo plano diretor e por seu estatuto. “Instalada em 1962, com pequena coleção bibliográfica de emergência, possui hoje mais ou menos 150.000 volumes e 5000 títulos de periódicos.” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1970, p. 1).

A Universidade de Brasília tem suas primeiras instalações no edifício do Ministério da Educação e Cultura, no bloco 1 da Esplanada dos Ministérios. Neste prédio, ocupando dois andares, a universidade abre seus primeiros cursos experimentais em Direito, Economia, Administração, Arquitetura e Urbanismo, com início em março de 1962, tendo como reitor o Prof. Darcy Ribeiro. (AQUINO; NASCIMENTO, 1989, p. 11)

Fonseca (1973, p. 37.) anuncia em seu texto, a respeito do histórico da Biblioteca Central, a substituição de Darcy Ribeiro por Frei Matheus Rocha, que foi vice-reitor. A Biblioteca Central foi então transferida para o sexto andar do mesmo prédio onde já estava alocada. Segundo informações que constam na página eletrônica da BCE, ainda em 1962, a Biblioteca foi realocada para a Sala Papiros da Faculdade de Educação (FE), no *campus* da Universidade de Brasília. Fonseca (1973, p. 36) também faz relatos dessa transferência para um dos primeiros edifícios construídos, intitulado FE - 3/4.

Figura 1 - Localização do Edifício da Faculdade de Educação – Sala Papiros



Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-15.8947093,-47.7672434,14z> Acesso em: 20 jun 2019

Fonseca (1973, p.36) levanta a questão a respeito da formação do acervo da Biblioteca Central, até então adquirido de forma emergencial, como já relatado.

(...) uma coleção bibliográfica de emergência composta por dicionários, enciclopédias e alguns periódicos, se constituindo basicamente de uma coleção de referência. Essas publicações teriam sido reunidas por pessoas gradas e entidades públicas e privadas (AQUINO; NASCIMENTO, 1989, p. 12)

Fonseca (1973, p. 37) critica veementemente essa formação emergencial, afirmando que não é conveniente a formação de um acervo sem as bases de seleção e aquisição adotados pelos estudos de formação em Biblioteconomia, sugerindo, ainda como professor da instituição, que a Biblioteca Central fosse gerida por um bibliotecário, para que se evitasse que os serviços administrativos fossem distintos das bases acadêmicas estabelecidas para uma biblioteca.

Edson Nery da Fonseca, assim como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira defendiam o conceito da centralização da biblioteca universitária, mesmo com a pressão por parte de alguns professores que estavam acostumados à descentralização. Formulou-se então, um novo conceito de biblioteca, como relatado por Aquino e Nascimento (1989, p. 12-13).

Nesse período, a BCE já possuía um acervo de Obras Raras devido à aquisição de acervos particulares. Com o crescimento do acervo, em razão do convênio com a Fundação Ford, viu-se a necessidade de um novo espaço para a Biblioteca Central. “Creio ter partido do

Dr. Georges Daniel Landau, competente e dinâmico consultor da reitoria para assuntos internacionais a ideia de verificar a possibilidade de a Fundação Ford aportar recursos para a aquisição dos livros e assinatura dos periódicos.” (FONSECA, 1973, p. 38)

O convênio firmado entre a UnB e a Fundação Ford, segundo Aquino e Nascimento (1989), iniciou-se em 1962 com a visita de consultores da Fundação Ford e foi formalizado no primeiro semestre em 1963, quando a Fundação disponibilizou recursos financeiros para a Universidade de Brasília. Foi finalizado em outubro de 1968.

Desse convênio com a Fundação Ford houve dois saldos positivos: o enriquecimento do acervo nas áreas indicadas e o equipamento já referido. Diga-se de passagem que as bibliografias mínimas foram muito elogiadas pela Fundação Ford. A American Library Association, entretanto, deferiu o fornecimento a uma só livraria, que tentou “empurrar” muito material não solicitado e “enclafado” em seus depósitos. O segundo saldo positivo foi a assessoria prestada pelos bibliotecários Frazer Poole e Morris Gelfand na elaboração do projeto arquitetônico do novo edifício da Biblioteca Central. (FONSECA, 1973, p. 38)

Aquino e Nascimento (1989, p. 14-15) relatam uma grande aquisição no ano de 1963, quando a Biblioteca Central incorporou ao seu acervo, coleções do professor Hildebrando Accioly¹, a coleção de Homero Pires², a coleção de Fernando Azevedo³, a coleção de Ricardo Xavier da Silveira⁴, a coleção de Oswaldo de Carvalho⁵ e a coleção do professor Pedro Almeida Moura⁶. Os autores citados apontam que a coleção de obras raras também teve acréscimo no mesmo período com a compra de coleções de Serafim da Silva Neto de Manuscritos Medievais do séc. XIV: Diálogos de São Gregório, Livro das Aves e Flos Sanctorum.⁷

¹ Autor de obras da Revista Brasileira, jurista, Diplomata, e especialista em história diplomática: Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/188/o-reconhecimento-do-brasil-pelos-estados-unidos-da-america>. Acesso em: 29 abr. 2019

² Foi político brasileiro, tendo cursado Direito no Rio de Janeiro e concluído na Bahia em 1910. Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/pires-homero>. Acesso em: 23 abr. 2019.

³ Foi professor, sociólogo, crítico, ocupante da cadeira 14 na Academia Brasileira Letras. Nasceu em Minas Gerais em 1894, faleceu em São Paulo em 1974. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/fernando-de-azevedo/biografia>. Acesso em: 23 abr. 2019.

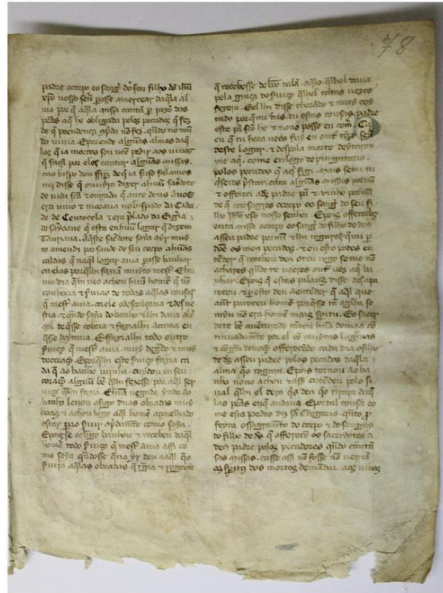
⁴ Bibliófilo brasileiro, integrante da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Disponível em: <http://www.robertomarinho.com.br/mobile/vida/os-cem-bibliofilos.htm>. Acesso em 6 maio 2019

⁵ Autor brasileiro de bibliografias. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf_748fbfbc4_0018430.pdf. Acesso em: 6 maio 2019

⁶ Professor de filosofia que colecionava literatura grega e romana. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MT-gM9yIIcJ:www.periodicos.ufam.edu.br/anaisnibu/article/view/3334/2977+&cd=8&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 6 maio 2019

⁷ Informações obtidas pelo Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Figura 2 - “[Diálogos de São Gregório],” Biblioteca Digital de Coleções Especiais



Fonte: Biblioteca Digital de Coleções Especiais (BDCE)

Edson Nery da Fonseca também faz relatos da aquisição de obras raras:

No capítulo das raridades devem ser ainda mencionadas as aquisições, em 1963, de três códices medievais portugueses que pertenceram ao Prof. Serafim Silva Neto (iniciativa que a Universidade de Brasília deve ao Prof. Nelson Rossi), de uma série completa e encadernada da Coleção Documentos Brasileiros da Livraria José Olympio Editora, de parte da biblioteca particular de Ricardo Xavier da Silveira (inclusive as edições da Sociedade dos Cem Bibliófilos), o manuscrito inédito diário (fartamente ilustrado pelo autor) de duas viagens ao Brasil realizadas entre 1851 e 1853 pelo príncipe russo Alexandre Lobanov - Rostovskii, e a obra de J.T.Descourtilz, *Ornithologie Brésilienne*, com suas 48 estampas originais (FONSECA, 1973, p. 39.)

Em janeiro de 1964, a BCE foi transferida para um novo prédio no *campus*, SG 12, onde também foi instalada a Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, segundo Aquino e Nascimento (1989, p. 15.). Informações obtidas na página eletrônica da Biblioteca Central afirmam que foi nesse período em que a biblioteca adquiriu obras de grande valor, que fazem parte do acervo raro da Biblioteca. Segundo Fonseca (1973), foi nesse mesmo ano em que a Biblioteca Central passou pela repressão da ditadura militar, sendo invadida pela polícia militar de Minas Gerais que a interditou, apontando obras consideradas por eles como subversivas, que só foram reincorporadas ao acervo em 1986, segundo informações que constam na página da Biblioteca Central.

Figura 3 - Localização do Edifício SG-12



Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-15.8947093,-47.7672434,14z>. Acesso em: 20 jun 2019

Figura 4 - Biblioteca Central - Edifício SG-12



Fonte: Biblioteca Digital de Coleções Especiais (BDCE)

Segundo Bertinazzo (2012, p. 149-150), foi a partir do programa de desenvolvimento do ensino superior desenvolvido pelo MEC em parceria com o Banco Interamericano de

Desenvolvimento (BID), que se obteve fundos para a construção do novo edifício da BCE. Volpini, em seu texto relata como esse processo ocorreu:

Em 1963, a UnB conseguiu com a Fundação Ford um auxílio para o desenvolvimento da Biblioteca. Parte desses recursos foram destinados ao pagamento de assessoria especializada para a elaboração de um programa detalhado de especificações que deveriam orientar o planejamento do prédio definitivo. Com essa finalidade esteve em Brasília em março de 1967 o Dr. Frazer G. Poole, da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e especialista em arquitetura de bibliotecas. A partir das especificações elaboradas pelo Dr. Poole, o Centro de Planejamento da UnB elaborou um anteprojeto de edifício que serviu de apoio para que se pleiteasse junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), um financiamento de US\$ 1 500 000,00 destinado à construção da Biblioteca Central. O financiamento foi obtido dentro do programa estabelecido entre o Ministério da Educação e Cultura e o BID para desenvolvimento do ensino superior no Brasil. (VOLPINI, 1973, p. 45)

De 1968 a 1976, a Biblioteca Central teve como Diretor Elton Eugênio Volpini, que participou ativamente do planejamento do prédio definitivo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE), juntamente com os bibliotecários Rubens Barbosa de Moraes, Edson Nery da Fonseca e Antônio Agenor Brinquet de Lemos, e ainda os arquitetos José Galbinski, Miguel Alves Pereira, Jodete Rios Sócrates e Walmir Santos Aguiar, afirma Volpini (1973, p. vi). Segundo informações que constam na página eletrônica da BCE, em 12 de março de 1973 é inaugurado o prédio atual da Biblioteca Central.

Figura 5 - Inauguração do prédio definitivo em 1973



Fonte: Biblioteca Digital de Coleções Especiais (BDCE)

1.1 O Setor de Obras Raras

O Setor de Obras Raras localizado no primeiro andar do edifício da Biblioteca Central, tem grande valor acadêmico, científico, cultural e histórico, sendo reconhecido como o melhor acervo de obras raras do Centro-Oeste, segundo Bertinazzo (2012).

Seu histórico de formação inicia-se em 1963, mas foi em 1970, que uma aluna do curso de Biblioteconomia, Claudia Rossi Gonçalves, fez visitas frequentes ao setor de obras raras, que naquela época encontrava-se sem tratamento. Juntamente com o então professor Rubens Borba de Moraes, examinaram as obras, estabelecendo-se assim os critérios de raridade, segundo Aquino e Nascimento (1989). Os critérios estabelecidos foram:

Obras de autores brasileiros editados até 1830/40; primeiras edições de autores brasileiros consagrados, antigos e modernos; edições de luxo com tiragem de aproximadamente 100 exemplares; obras autografadas por autores renomados; primeiras obras editadas em cidades ou capitais de estados brasileiros; obras das quais se possui manuscritos. (AQUINO; NASCIMENTO, 1989, p.26).

Atualmente, estes mesmos critérios de raridade são utilizados pelo setor de Obras Raras⁸ estão segmentados em quatro eixos, são eles: Limite Histórico, que incluem obras de valor histórico brasileiro; Valor Cultural, obras com particularidades com valor cultural agregado; Exemplares raros e valiosos, incluem obras manuscritas, autografadas, anotadas, encadernações especiais e papel especial; Peças raras e valiosas, que são objetos valiosos, mapas, moedas, medalhas, recortes de jornal, fotografias e *Ex libris*.⁹

1.2 Coleção

A Biblioteca Central, segundo Bertinazzo (2012, p. 149), possui um rico acervo de obras raras, sendo formado por obras oriundas de coleções particulares. São manuscritos medievais e modernos, primeiras edições de obras brasileiras, periódicos brasileiros e portugueses, obras autografadas, medalhas, moedas, xilogravuras, obras com autógrafos, jornais, folhetos, iluminuras, edições de arte e ainda a coleção de *Ex libris*, que será objeto de estudo neste trabalho. A partir de informações obtidas na página da Biblioteca Central, o acervo é composto

⁸ Dado disponibilizado pelo Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Recebido em 6 maio 2019.

⁹ Dado disponibilizado pelo Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Recebido em: 9 abr. 2019

ainda por coleção Hipocratiana, coleção Camiliana, coleção Cem Bibliófilos do Brasil e do Arquivo Carlos Lacerda.

Segundo Lacerda (2016) a prática de formação e desenvolvimento do acervo da Biblioteca Central provindo de acervos particulares inicia-se em meados de 1962, com a função de suprir a necessidade crescente de material bibliográfico. A mesma autora faz relatos desse processo: Darcy Ribeiro delegou à Edson Nery da Fonseca a função de dar início a essas aquisições.

Aquino e Nascimento (1989, p. 14.) falam a respeito dessa necessidade de novas bibliografias demandadas pelos cursos oferecidos pela universidade, sendo essas bibliografias básicas o Norte que o bibliotecário Edson Nery da Fonseca para aquisição das publicações. A prática de se adquirir obras valiosas de coleções particulares dá à biblioteca uma característica singular de guardião, sendo responsável por dar proteção especial à essas coleções. Para que se torne possível o entendimento dessa questão, faz-se necessário apresentar brevemente o conceito de coleção na perspectiva de Krzysztof Pomian. É primordial ainda, expor como uma biblioteca lida com essas coleções.

Pomian (1984, p. 53) aborda o conceito de coleção. Ele observa que um conjunto de objetos, tanto artificiais quanto naturais, que são adquiridos por particulares ou instituições, sendo retirados de circulação econômica e mantidos sob proteção é um dos aspectos que caracteriza uma coleção. Pomian (1984) afirma que, no caso de arquivos e museus, esse conceito se aplica de modo mais adequado. O mesmo não ocorre ao se aplicar a formulação às bibliotecas. “O caso das bibliotecas é mais complicado. Acontece de facto que os livros são tratados enquanto objectos, isto é, que se colecionam as belas encadernações, as obras ilustradas, etc.” (POMIAN, 1984, p. 53.)

Esse conceito, empregado a uma biblioteca, faz com que ela tenha uma característica particular, capaz de não apenas agregar obras que visam levar informação aos usuários, mas indo bem além, sendo assim capaz de ser guardião de objetos que representam o passado e necessitam de guarda e preservação específicas. Murguia e Yassuda (2007) se refere a biblioteca que desempenha este papel como um centro de memória.

Murgia e Yassuda (2007) apontam esse conceito de biblioteca a partir do pensamento científico de Pierre Nora, que acredita que ao longo do tempo, a sociedade constrói e se identifica com esses lugares de preservação do passado. A biblioteca tornou-se, então um desses lugares.

Nesse contexto empregado à determinada biblioteca, o suporte transcende o conteúdo. Murguia (2009) explica esse fenômeno em seu texto, onde afirma que a prática do

coleccionismo, especificamente dos livros, ultrapassa as barreiras da informação, pois o ato de colecionar ocorre por diversos motivos e não somente de a informação e o conhecimento. Souza, Azevedo e Loureiro (2017) acreditam que as bibliotecas agregam valor como lugar de memória não apenas por ser uma instituição cultural, mas pelo valor das coleções que compõem seu acervo e formam seu patrimônio. A BCE, por ter adquirido coleções particulares, por ter a preocupação e a missão de preservar obras que representam o passado, pode ser considerada como um Centro de memória.

1.3 Coleção de *Ex libris* da Biblioteca Central da Universidade de Brasília

“*Ex libris* é uma expressão latina, formada pelo ablativo plural de liber (libris) e a preposição indicativa de proveniência. Em bom português, se traduz por “dos livros de”.” (MACHADO, 2014, p. 11). Seu conceito está atrelado a posse de uma obra.

Outra definição: O *ex libris* pode ser definido como uma espécie de selo de propriedade, incontestável e universal, que vem colado na face interna da capa, no rosto ou anterrosto do livro” (BERTINAZZO, 2012, p.15). Segundo informações contidas na página eletrônica da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, os *ex libris* são marcas de propriedade, tanto de uma pessoa como uma instituição. Segundo Rato (1973 apud MULIN, 2017, p. 65) a expressão em latim pode ser escrita de duas maneiras, *ex-libris*, com hífen e *ex libris*, sem hífen; que é o formato escolhido para escrita neste trabalho.

Bertinazzo (2012) explica a escolha de não fazer uso do hífen. Segundo a autora, a partir da concepção de Manuel Esteves na publicação Boletim da Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex libris* em que ele afirma que ao se adotar o hífen, o sentido da palavra se altera. Sendo utilizado “ex - “agrega-se o sentido de algo “que deixou de ser”. Outro motivo apresentado por Bertinazzo (2012) é que não se utiliza hífen em latim. Quanto a origem histórica do *ex libris*, Oliveira afirma que: Ao contrário do que muita gente supõe, o *Ex-libris* não é uma criação moderna, sua existência remota à antiguidade e proliferou como o desenvolvimento da imprensa e da expansão do livro nas várias classes sociais. (OLIVEIRA, 1992, p. 5)

O mesmo autor ainda relata que:

Ex-Libris mais antigo, reconhecido como autêntico, pertenceu ao alemão Johann Knabensberg, alcunhado ‘Iglér’ (ouriço). É uma rústica xilogravura e representa um ouriço com uma flor na boca, encimado por uma legenda inscrita em uma fita ondulada. Teria sido gravada em 1450, apenas dez anos após a invenção de Gutenberg. (OLIVEIRA, 1992, p.12).

Os *ex libris*, possuem tipologias e técnicas diversas, para o campo artístico da Gravura. Essas técnicas são:

...xilografia de fio e de topo, linoleografia, zincografia, buril, água forte, ponta seca, água-tinta, verniz mole, madeira negra, litografia e serigrafia - acrescenta-se uma sequência histórica de técnicas gráficas, como clichê a traço, a meio tom, de retícula, heliografia, fotoincisão, fototipia, fotolitografia, *offset*, etc., a que se poderia agregar ainda a mimeografia, a fotocópia, a xerografia e a arte/computação, além da holografia e alguma outra técnica que esteja acabando de ser desenvolvida agora (DISERTORI, apud BERTINAZZO, 2012, p. 44).

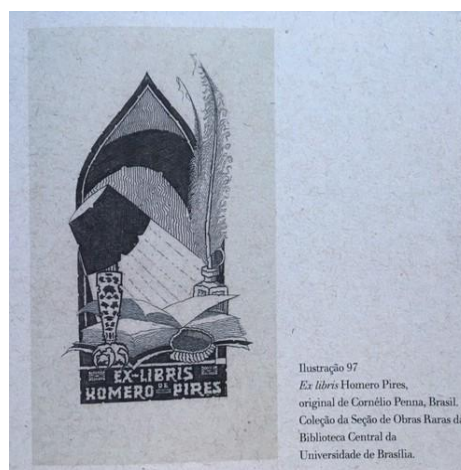
Quanto ao tema das gravuras expressas em *ex libris*, Bertinazzo (2012), afirma que estão estabelecidos os seguintes temas:

heráldico (quando leva o escudo da linhagem, a arma gentílica de seu titular); epigráfico (quando leva um lema ou uma sentença); monogramático (quando em vez de nome completo do titular, apresenta seu monograma); figurativo (que remete a realidade das coisas); falante (para alegorias, símbolos, figuras que se relacionam com o nome do titular). (BERTINAZZO, 2012, p. 107).

O Setor de Obras Raras da BCE possui uma coleção rica em métodos de gravura e tipologia temática. Não se sabe ao certo a origem de cada um dos *ex libris*, pois não houve o cuidado de relacionar a quais coleções particulares se originaram, mas “considerando, como comentado, que a BCE comprou algumas coleções de livros atribuídos a Agripino Grieco, Carlos Lacerda e Pedro Nava, julgamos que nelas vieram anexadas também pequenas coleções de *ex libris*” (Bertinazzo, 2012, p. 152)

Apenas se sabe a origem dos *ex libris* que pertenceram a biblioteca particular de Homero Pires, adquirida pela BCE em 1963, por ter sido encontrada intacta junto à coleção, apesar de não ter informações desses *ex libris* no termo de doação, como afirma Bertinazzo (2012, p. 152).

Figura 6 - *Ex libris* Homero Pires



Fonte: BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. *Ex libris: pequeno objeto de desejo*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 2012. 405 p.

Figura 7 - Caixas onde se encontram acondicionadas a coleção de Homero Pires



Fonte: da autora

Segundo dados informados em uma reportagem para a Revista Brasília Encontro, o Setor de Obras raras possui uma rica coleção que conta com 1,7 mil *ex libris* e mais 3,6 mil de uma recente doação da coleção do artista Jorge de Oliveira.¹⁰

1.4 A atuação de Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo

Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo, nasceu em Carmo de Paranaíba/MG, em 1946. Graduada em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Atuou como professora e pesquisadora na Universidade de Brasília, onde criou o Ateliê de Xilogravura da UnB, pertencente ao Instituto de Artes - IdA, onde também foi coordenadora do Núcleo de Estudos Artísticos e pesquisadora Associada Adjunta da UnB até sua morte em 2001¹¹

Seu contato com a coleção de *ex libris* da Biblioteca Central, como a própria Stella Maris afirma:

Em 1979, quando ingressei nos quadros da Universidade de Brasília, encontrei apócrifa, esquecida e desorganizada, em um cofre da Seção de Obras Raras de sua Biblioteca Central (BCE), uma valiosa coleção de *ex libris*. O que me aproximou desse amontoado de papezinhos com pequenas ilustrações impressas foi sua conotação com a arte da Gravura. Era um espaço esquecido

¹⁰ Reportagem da Revista Brasília Encontro sobre o Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Disponível em: http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/revista/2018/12/19/interna_revista,4619/aberta-a-comunidade-a-universidade-de-brasilia-guarda-tesouros-em-seu.shtml. Acesso em: 6 maio 2019

¹¹ Informações obtidas na página eletrônica da Editora UnB. Disponível em: <https://loja.editora.unb.br/autores/413/bertinazzo,-stella-maris-de-figueiredo>. Acesso em 6 maio 2019.

da Biblioteca que ao menos deveria ser divulgado (BERTINAZZO,2012, prefácio)

Stella Maris iniciou seu contato com os *ex libris* da BCE inicialmente com o intuito de enriquecimento do curso de Gravura ministrado na Universidade de Brasília, mas em 1991 deu início sua pesquisa, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Pedagógico - CNPq e mais tarde, em 1995, é lançada a campanha para o inventário dos *ex libris* (BERTINAZZO, 2012, p. 152-153).

Foi a partir desses estudos que se estabelece a Diretriz de Tratamento dos *ex libris* da BCE, Projeto *ex libris*, o resgate e o livro lançado anos após seu falecimento intitulado *Ex libris*, pequeno objeto do desejo.

1.5 Doação do acervo Jorge de Oliveira à Biblioteca Central

Jorge de Oliveira, nascido em Valença/ RJ em 1936, foi um artista contemporâneo, exlibrista e colecionador. Pupilo do exlibrista nacional Alberto Lima, que influenciou em seu trabalho e técnica de gravura. Colecionava *ex libris* há muitos anos. Para compor sua coleção, enviava cartas à outros ex libristas e fazia permutas de suas gravuras. Em 1967, perdeu toda essa coleção numa enchente na capital paulista, onde trabalhou como gráfico, como desenhista de animação e professor de artes plásticas. Jorge de Oliveira retomou o hábito de colecionar e confeccionar *ex libris* em 1981, incentivado pelo grande exlibrista português Fausto Moreira Rato, segundo Bertinazzo (2012, p. 139-141).

Figura 8 - Retrato de Jorge de Oliveira



Fonte:Exposição Sul-brasileira de *Ex libris* Disponível em:
http://www.suaaltezaogato.com.br/arq/Estante%20de%20Ouro/1a_Exposicao_Sul-Brasileira_de_Ex-Libris.pdfAcesso em: 20 jun. 2019

Jorge de Oliveira, considerado um artista de *ex libris* remanescente, segundo Stamato (31) foi citado pela Federação Internacional de Sociedades dos Amadores de *Ex libris* - FISAE como o artista dos *ex libris*, segundo Bertinazzo (2012, p. 139.)

Ainda segundo Bertinazzo (2012), os *ex libris* feitos por Jorge de Oliveira possuem uma vasta diversidade de temas, usando técnicas de serigrafia e linoleografia, tendo participado de exposições internacionais na Iugoslávia, na Suécia, na Rússia, na Itália, em Portugal e Ucrânia. Em 1992 inaugurou a Exposição Sul Brasileira de *Ex Libris*. Faleceu em 2005.

Foi doada à Biblioteca Central a coleção do artista Jorge de Oliveira por seu filho André Borille de Oliveira em 2018, contendo cerca de 3600 itens. Parte dessa coleção está sendo digitalizada e disponibilizada na página da Biblioteca Digital de Coleções Especiais - BDCE.¹²

Figura 9 - *Ex libris* de Jéssica de Oliveira feito por Jorge de Oliveira



Fonte: Biblioteca Digital de Coleções Especiais (BDCE)

¹² Informações obtidas pelo setor de obras raras da Biblioteca Central em novembro de 2018.

CAPÍTULO II

2 Diretrizes de Tratamento de *Ex libris*

A preocupação com tratamento e a gestão do acervo dado às coleções especiais se faz importante para a salvaguarda da nossa história e de campo para pesquisas de diversas áreas quanto ao passado. “É preciso que hoje direcionemos todas as nossas atenções para a melhor forma de se conservar todo o saber que foi produzido e registrado pelo homem, sob forma de manuscritos ou impressão em suporte de papel”. (SPINELLI, 1997, p. 7).

Na prática das atividades de trabalho do profissional gestor de Obras Raras, surgem questões que fazem com que decisões sejam tomadas acerca de determinada coleção. Sendo assim, a elaboração de diretrizes que versam a respeito do tratamento técnico, acondicionamento e preservação de objetos raros se torna primordial para a gestão dessas obras.

Para tanto, faz-se uso do destaque de Spinelli (1997) ao tratar em seu estudo sobre conservação preventiva de acervos. “A exigência básica para conservar-se um patrimônio cultural é fundamentalmente: administração segura, recursos adequados e conhecimentos decorrentes da ciência e da técnica.” (SPINELLI, 1997, p. 3.)

Partindo desse pensamento, nota-se a importância em estudar os processos de formação de gestão que dão origem às diretrizes norteadoras dos profissionais que lidam com coleções especiais. Essas diretrizes são:

documentos que auxiliam no entendimento das operações institucionais e que se constituem como material de consulta no que tange ao posicionamento do museu diante de demandas e situações que exijam tomadas de decisões relacionadas aos acervos, tornando-se aparato de embasamento e respaldo para justificar tais decisões. (AUGUSTIN; BARBOSA, 2018, p. 135)

Em seu estudo sobre políticas e preservação e conservação de acervos em Bibliotecas Universitárias Brasileiras, Valle (1991) aponta, por meio do pensamento de estudiosos da área de conservação e preservação, a importância da elaboração dessas diretrizes para preservação de objetos culturais, como é o caso do objeto de estudo aqui tratado. Segundo Peterson, (1985 apud VALLE, 1991, p. 34) faz-se importante a compilação de políticas para que se estabeleça critérios para tomadas de decisão acerca da preservação e conservação de objetos culturais.

2.1 Diretriz elaborada por Stella Maris em sua atuação: processos decisórios

Figura 10 - Retrato de Stella Maris Figueiredo Bertinazzo



Fonte: BERTINAZZO, 2012.

Em 2000, Stella Maris Bertinazzo (2000, p. 1) apresentou em seu projeto, ‘*Ex libris*, o resgate’, dados estatísticos que destacam a procura de pesquisadores e curiosos do acervo raro da Biblioteca Central. Afirmou que no ano citado, foram um total de 1161 consultas e 665 visitas registradas no livro de presenças, destacando o interesse acadêmico na Seção de Obras Raras. Partindo desse ponto, observou-se então a importância em manter organizado esse acervo.

O acervo de *ex libris* da Coleção de Obras Raras da BCE há muito necessitava de organização e divulgação de maneira a ser colocado à disposição dos usuários. Estes não tinham acesso a esta coleção para pesquisa, pois não havia um catálogo que permitisse a recuperação da informação relativa a este material e corria-se riscos de extravio e danos pelo manuseio. Fazia-se mister colocar a coleção à disposição para consulta de forma adequada e preservá-la pelo seu valor histórico e iconográfico (BERTINAZZO, 2000, p. 3.)

Assim como os outros estudiosos e pesquisadores que frequentavam o setor, Stella Maris também fazia visitas frequentes, mas tinha interesse particular pela coleção de *ex libris*, que até então encontrava-se sem diretrizes de tratamento, por ser uma fonte fundamental nos estudos da gravura, área a qual ministrava aulas na UnB.

Stella Bertinazzo falava em sua publicação acerca dessa preocupação com os *Ex Libris* “Das coleções pertencentes ao acervo de Obras Raras, a dos *ex libris* era a que vinha preocupando, pois carecia de organização e tem papel fundamental no estudo da gravura.” (BERTINAZZO, 2000, p. 2). A partir dessa inquietude acerca do *ex libris*, é lançado o Projeto apoiado pelo CNPq, durante os anos de 1991 a 1993, o qual deu origem às Diretrizes técnicas.

Primeiramente foi necessário definir e selecionar os *ex libris* do Setor de Obras Raras. Observou-se que existe uma divergência do que pode ser considerado um *ex libris* de fato ou uma marca de propriedade. Bertinazzo (2012, p. 155-156) afirma que do ponto de vista ortodoxo, somente se considera *ex libris*, precisa possuir o nome do proprietário e o termo *ex libris* junto à gravura, mas segundo o português Fausto Moreira Rato, se seguirmos de modo rígido essa definição, ocorrerá o risco de “estarmos relegando ao esquecimento e à destruição testemunhos valiosos dessa arte de requinte gráfico” (BERTINAZZO, 2012, p. 155). Portanto, ainda segundo Bertinazzo, optou-se por seguir a abrangência do que pode ser *ex libris*, dando importância para a diversificação de marcas de propriedade.

Bertinazzo (2012), afirma que o processo de organização foi prolongado e elaborado “por etapas, com a descrição física dos *ex libris*, o registro patrimonial de cada exemplar (atribuindo-lhe um número de tombo) e também seu acondicionamento, sua armazenagem e, quando necessário, seu restauro visando boa conservação e preservação” (BERTINAZZO, 2012, p. 156).

O fato é que não existem regras de catalogação e classificação para *ex libris* conhecidas no Brasil, nem tradição nesse campo. Tivemos de nos valer de exemplos cubanos e portugueses para nosso trabalho (BERTINAZZO, 2012, p. 155)

Quanto à descrição física, elaborada com base no Código de Catalogação Anglo Americano, 2ª edição AACR2, dentro de materiais gráficos, foi feita da seguinte forma:

- nome do proprietário com entrada feita pelo sobrenome (segundo as normas internacionais de catalogação Código de Catalogação Anglo-Americano [CCAA2], 2ª edição.
- artista e o número do exemplar desenhado por ele;
- legenda: frases que aparecem nos *ex libris* como aforismos, máximas, divisas, lemas, provérbios, axiomas e inscrições diversas;
- local e data;
- técnica: processo em que foi executado o *ex libris*, catalogado segundo código da FISAE

- dimensões: medidas de cada *espécimen* a partir de suas margens (altura x largura), em centímetros;
- notas: descrição dos temas dos exemplares e da quantidade, segundo suas variantes. (BERTINAZZO, 2012, p. 158).

Para a descrição de notas de classificação, Stella Maris Bertinazzo (2012, p. 158) adotou os seguintes temas: simbólicos, heráldicos, paisagísticos, eróticos, religiosos, selos, abstratos, geométricos, conceituais e virtuais.

Falando ainda sobre os processos técnicos, a classificação foi feita segundo o Código de Classificação Decimal Universal – CDU. Segundo Bertinazzo (2012), o assunto que classifica os *ex libris* é representado pelo número 097, sendo essa classificação feita inicialmente de modo sequencial e alfabético, respeitando a entrada no acervo, mas em aquisições futuras será feito a partir da sequência numérica.

Bertinazzo (2012) explica que, mesmo sendo aconselhável se classificar “períodos, países e indivíduos, estes últimos em ordem alfabética” (BERTINAZZO 2012, p. 160), optou-se por não adotar esse modelo proposto por Edmond des Robert¹³, pois existem poucos exemplares que abrangem o período do século XX e não foi possível identificação da memória e período de grande maioria da coleção.

Stella Maris Bertinazzo explica essa escolha inicial de classificação da seguinte forma: “Isso acontece porque a coleção já está acondicionada em suas respectivas caixas, com os *ex libris* atuais em seus lugares definitivos. Novas caixas deverão ser utilizadas para acomodar aquisições, doações ou permutas futuras” (BERTINAZZO, 2012, P. 159). Nesse processo, houve uma particularidade em relação a coleção dos *ex libris* de Homero Pires.

Com esta pesquisa tive a surpresa de encontrar a coleção de *ex libris* que pertenceu a Homero Pires com a vantagem de a mesma estar organizada em pranchas de cartolinas e acondicionada em duas pastas (a pasta 1 com 163 exemplares e a pasta 2 com 89 exemplares). Para efeito deste projeto, foi conservado o seu estado original, inclusive com as respectivas anotações de Pires. Este material foi catalogado e tombado. No entanto, para preservar a organização dada por seu dono original, não segue ordem alfabética. (BERTINAZZO, 2000, p. 7.)

Bertinazzo (2012) fala a respeito da parceria entre o Centro de Documentação da Universidade de Brasília - CEDOC para confecção das caixas, que possuem as seguintes dimensões e materiais: “No revestimento interno, deu-se preferência ao forro em papel neutro e, no externo, ao marmorizado. Ela mede 31 cm x 22 cm” BERTINAZZO, 2012, p. 162)

¹³ Historiador francês

Após o processamento técnico (catalogação e classificação) dado à coleção de *ex libris*, a coleção foi encaminhada para o Setor de Registros para o seu tombamento, afirma Bertinazzo (2000, p. 6) em seu projeto.

No processo de organização e acondicionamento da coleção, houve ainda a preocupação com a conservação e restauração. Para inserir o carimbo do tombamento e garantir a preservação dos *ex libris*, optou-se por colá-lo com Carbox Metil Celulose, em papel neutro *filifold* para inserir então, nesse papel, o número de tombo, segundo Bertinazzo (2000, p. 6). A mesma autora, afirma sobre o processo de colocação nas caixas de armazenagem que “visando à segurança do material adotamos o critério de colocar apenas um exemplar em cada folha, à inglesa, numerando às variantes. (BERTINAZZO, 2000, p. 6).

Figura 11 - Sistema de identificação de tombo e colagem dos *ex libris* em papel neutro



Fonte: BERTINAZZO, 2012

No que tange à preservação, Stella Maris Bertinazzo (2000), conta que foi um processo fácil, pois a Biblioteca Central possui instalações adequadas de segurança, iluminação, temperatura e cuidados que contribuem para a preservação de materiais e papel, como é o caso dos *ex libris*.

2.2 Atualização da Diretrizes para a gestão e processamento técnico da coleção de *ex libris* do SiB-UnB.

A atualização das Diretrizes de tratamento técnico e gestão dos *ex libris* do Setor de Obras Raras da BCE, elaboradas por Gabriella Cervellini de Farias Parpinelli e Raphael Diego Greenhalgh em 2018, tem como base as recomendações estabelecidas por Stella Maris no teor de seu projeto de resgate e organização dessas gravuras raras, trazendo novas abordagens para essa gestão. As Diretrizes estão subdivididas em quatro eixos, são eles: Catalogação, Classificação e Indexação, Organização, e por fim Doação e Intercâmbio.

Quanto à catalogação, uma das motivações para manter o formato adotado por Stella Maris, segundo Parpinelli e Greenhalgh (2018), se deu pelo fato de não existirem publicações acerca do tema contendo especificações de catalogação e classificação de *ex libris*, sendo somente acrescentado nas diretrizes novos campos para a catalogação. A base para esse acréscimo foram as seguintes publicações:

Catálogo da Coleção da Biblioteca Pública do Paraná, o Livro dos Ex-libris com organização de Alberto da Costa e Silva e Anselmo Maciel, que traz as coleções de *ex libris* do Barão do Rio Branco, Paulo Bodmer, Santos Sobrinho, Luiz Felipe Stelling e Academia Brasileira de Letras, assim como o livro *Ex-libris* organizado por Plínio Martins Filho e que traz a coleção da Livraria Sereia de José Luís Garaldi, entre outros. Também foram levadas em consideração as normas de identificação da técnica de impressão do *ex libris* adotada pela *Fédération Internationale des Sociétés d'Amateurs d'Ex-Libris (Fisae)*. (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.1)

Segundo Parpinelli e Greenhalgh (2018) os campos de descrição física atualizados são:

- Proprietário, onde foi mantido o modelo sugerido por Bertinazzo, conforme a AACR2, sendo campo que indica a posse legal da obra;
- Artista, o autor do *ex libris*, campo mantido segundo sugestão de Bertinazzo, adotando-se o termo *Ipse fecit* no caso do proprietário ser o artista;
- Divisa, antes era adotado como o termo Legenda, mas optou-se por essa nova denominação por ter sido utilizada, em 2014 por Alberto da Costa e Silva e Anselmo Maciel na obra “Livro dos *ex-libirs*”;
- Publicação, onde se acrescenta local e data, segundo proposto pela AACR2;
- Técnica/ Suporte,

Foram mantidas as indicações de técnicas feitas pela Professora Stella Maris, mesmo que não exista esta informação no *ex libris*. Caso a informação presente no *ex libris* seja contrastante com a anotada pela Professora Stella

Maris, será colocada a informação que consta na obra. (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.5);

- Notas, inclusão de textos adicionais e variações que dão característica de raridade;
- Dimensões,

Diferente do modelo previsto por Stella Maris, optou-se por fazer mais de uma medição, diferenciando a dimensão da área de impressão (I), da dimensão do suporte (S) em que a impressão se encontra, de modo a facilitar a identificação das variantes (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.5);

- Tombo, mantido conforme modelo proposto pela professora Stella Maris Bertinazzo;
- Aquisição, campo onde se indica a forma de aquisição ou origem.

No que se refere à Classificação e a Indexação:

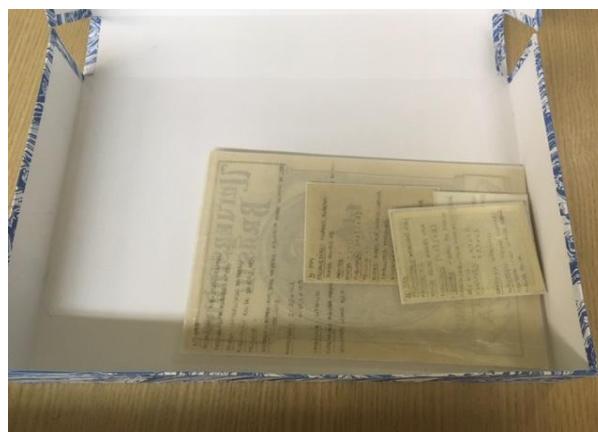
foram mantidas as categorias estabelecidas pela Professora Stella Maris e serão adicionadas outras duas, como Institucional e Comemorativo, adotadas também na Coleção da Biblioteca Pública do Paraná (2002), decidido desta forma, pela frequência de exemplares encontrados com essas características na coleção de *ex libris* do Sib-UnB. (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.8)

Indexação: utilização em média de 5 termos para cada espécime, fazendo dentro do possível uma atribuição de termos para a leitura subjetiva da imagem, levando em consideração as noções de ícone, índice e símbolo sugeridas por Pato (2015) para indexação de fotografias.(PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.11)

Quanto à organização:

Para as obras que ainda não foram tratadas e para futuras aquisições, será adotado o armazenamento por meio de envelopes (papel A4 ou filifold), substituindo o método de colagem do *ex libris* em papel livre de acidez com metilcelulose, pois verificou-se que alguns exemplares estão se soltando da folha podendo ocasionar a perda dos mesmos no manuseio. As informações de identificação da obra serão escritas por fora do envelope. (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.13)

Figura 12 - Acondicionamento em sistema de envelope de papel neutro



Fonte: da autora

Apontamentos sobre a Doação e Intercâmbio de itens:

Para as obras que forem duplicatas, optou-se por manter na coleção o exemplar em melhor condição de conservação. Seu semelhante ficará disponível para fazer intercâmbio com outras instituições ou colecionadores em troca de exemplares que ainda não constam no acervo. Na troca sempre haverá preferência por aquisição de um exemplar de artista ou proprietário brasileiros.(PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.13)

2.3 Apontamentos sobre o tratamento dado ao acervo de Jorge de Oliveira

A coleção de *ex libris* de Jorge de Oliveira, que no momento encontra-se em processo de tratamento técnico no setor de obras raras da Biblioteca Central, segue sendo inserida e organizada conforme as Diretrizes já estabelecidas¹⁴, mas por seu caráter particular e pela experiência já agregada pelos gestores de obras raras ante as coleções já existentes, é passível de apresentar questões subjetivas quanto ao seu tratamento e organização, gerando então a possível necessidade de renovação de processos técnicos e de organização. Essa afirmação está pautada por informações prestadas pelo Setor de Obras Raras, onde já se nota que processos da Diretriz vigente são passíveis de mudança.

Segundo informações obtidas através do Setor de Obras Raras, o formato atual do invólucro de papel glazine, demonstrado na figura 12, é suscetível a mudanças por não se apresentar como a melhor solução para organização, sendo necessário pensar um novo método.¹⁵

¹⁴ Informações obtidas através de contato com o setor de obras raras em junho de 2019

¹⁵ Segundo informações do Setor de Obras Raras, o método atual de envelope de papel neutro é feito a partir do tamanho do *ex libris* que será acondicionado. Não havendo uma padronização de dimensões, ocasiona dificuldade na organização e manuseio.

CAPÍTULO III

3 Aspectos subjetivos

Na prática das atividades de trabalho do profissional gestor de Obras Raras surgem diversas questões que fazem com que posturas e decisões sejam tomadas acerca de determinada coleção quanto a sua organização. É nesse ponto que a questão da subjetividade quanto à decisão é destacada, sendo responsável pelas ações do gestor. Mesmo havendo protocolos objetivos a serem seguidos. Sendo assim, Zanatta (2017) aponta a subjetividade como processo “inerente” da prática de trabalho, tendo característica determinante na complexidade de se tratar “objetos culturais”.

A conceituação sobre a subjetividade como variável na gestão e organização é destacada da seguinte premissa. Segundo Zanatta (2017) a subjetividade é entendida como modo complexo do ser humano inserido na sociedade e de suas relações, expressando-se de modo distinto ante aos símbolos, manifestando-se emocionalmente sem qualquer apreensão de objetividade.

Zanatta (2017) aponta ainda o caráter complexo dos objetos como fator determinante. Destaca a subjetividade como processo que se constitui de fatores internos e externos do sujeito, sendo outro fator de importante consideração na reflexão do profissional onde irá culminar na decisão.

Assim, é impossível não perceber a relevância da subjetividade no trabalho do restaurador, como sujeito que interpreta o caráter complexo dos objetos e das ações de intervenção que os envolvem e que, por sua vez, permitem inúmeras interpretações e variadas formas de conduzir as ações de conservação e restauração. É a subjetividade do profissional com a sua operacionalidade que deve ser posta em prática conjuntamente, a partir do equilíbrio entre os diversos aspectos cultural, estético, físico, histórico, etc., tutelados de forma idônea, através de conhecimentos aprofundados e legitimados pelos princípios sólidos do campo, internacionalmente reconhecidos e ratificados. (ZANATTA, 2017, p. 96)

Sendo a subjetividade um fator a ser levado em consideração na prática de trabalho do gestor de obras raras, entende-se que as decisões tomadas têm traços particulares de cada profissional, bem como sua vivência e experiência. Os aspectos objetivos formam a base e a legitimidade das decisões a serem tomadas dando à subjetividade e à objetividade a convergência necessária. Para isso, ressalta-se que a junção destes aspectos, subjetivos e objetivos, tem que estar perfeitamente acordados para que se possa atender às finalidades em relação à preservação do objeto. (ZANATTA, 2017, p. 29)

Levando-se em consideração essas postulações onde a subjetividade é uma variável presente nas ações e decisões, procura-se nesse estudo, identificar e analisar as questões subjetivas nos processos de trabalho e elaboração das Diretrizes de tratamento e gestão dos *ex libris* do Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, dado o caráter complexo da coleção.

3.1 Identificação de variáveis subjetivas nas diretrizes de tratamento e análise reflexiva e comparativa das variáveis identificadas

Partindo da análise das Diretrizes e das ações e decisões tomadas em relação ao acervo de *ex libris* da Biblioteca Central da Universidade de Brasília e das reflexões acerca das influências de aspectos subjetivos nas decisões da gestão, faz-se mister trazer a esse estudo as nuances observadas, entender a influência das questões subjetivas nos processos de elaboração de normas de organização de objetos culturais, como é o caso do objeto de estudo aqui tratado.

Essas questões trazidas ao longo deste estudo tem a função de dar caráter particular, sem deixar de ser fundamentado em bases sólidas a partir de estudos aprofundados do tema, a todos os processos decisórios adotados para melhoramento da metodologia de tratamento de bens culturais. Mostra-se, com esse estudo, a preocupação do gestor em estabelecer novos e melhores métodos.

O uso da subjetividade, pode ser percebido em alguns casos, previamente citados no capítulo anterior deste trabalho. Um dos exemplos a serem destacados foi o processo de seleção dos *ex libris*, onde fez-se uso de embasamento teórico que desse abrangência ao conteúdo da coleção para que não houvesse risco de descartar selos de propriedade que não se enquadrarem no modelo ortodoxo. Como exemplificado, na figura 13 vigora o modelo ortodoxo, na figura 14 um modelo diferenciado, mas considerado como *ex libris* segundo Fausto Moreira Rato.

Figura 13 - *Ex libris* de Otto Floriano, modelo ortodoxo



Fonte: BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. *Ex libris: pequeno objeto de desejo*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 2012. 405 p.

Figura 14 - *Ex libris* de Golbery do Couto e Silva, modelo em selo



Fonte: BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. *Ex libris: pequeno objeto de desejo*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 2012. 405 p.

Quanto à atualização, realizada tanto para adequação de normas objetivas quanto para melhoria de métodos, traz aspectos subjetivos. As questões subjetivas podem ser identificadas nos campos: Legenda, adotando-se uma nova nomenclatura para o campo; Técnica/Suporte, onde optou-se em facilitar o processo utilizando os termos da FISAE traduzidos por Luiz Felipe Stelling; Dimensões, onde se estabeleceu um novo método de medição para facilitar a identificação de variantes, segundo Parpinelli e Greenhalgh (2018).

3.2 Quadro comparativo, proposta de Bertinazzo e atualização de Parpinelli e Greenhalgh, dos campos de catalogação

Quadro 1 - Quadro comparativo, proposta de Bertinazzo e atualização de Parpinelli e Greenhalgh, dos campos de catalogação

Campos de preenchimento na catalogação	Proposta elaborada por Bertinazzo (2012)	Atualização da diretriz elaborada por Parpinelli e Greenhalgh (2018)
Nome do proprietário	Entrada feita pelo sobrenome, segundo a AACR2.. Os nomes dos proprietários foram repetidos quando possuidores de <i>ex libris</i> com características diferentes, exemplares com variantes de cor e tamanho ou ainda múltiplos de <i>ex libris</i> para um só proprietário.	Manteve -se a proposta inicial de Bertinazzo, acrescentado a informação de entrada por Entidade, quando não houver nome de proprietário, com nome da comunidade a qual se identifica e para <i>ex libris</i> comemorativo, instituição ou pessoa responsável, segundo a AACR2.
Artista	Inserir-se o nome do autor da gravura. e o número de exemplar desenhado. Segundo Parpinelli e Greenhalgh (2018), o termo <i>ipse fecit</i> , sugerido por Bertinazzo, nos casos em que o artista cria o <i>ex libris</i> para si próprio, segundo Luiz Felipe Stelling (2014)	Sem alteração identificada
Legenda	Inscrições diversas ao termo <i>ex libris</i> e o nome do proprietário.	Adotou-se o termo Divisa para o campo em lugar de legenda, segundo Silva e Maciel (2014)

Publicação	Local e data de produção do <i>ex libris</i> .	<p>“Decidiu-se por manter a vírgula separando local e data, pois, este é um tipo de objeto que não possui uma editora. Quando não houver informações sobre local, usa-se a sigla [s. l.] (sine loco) e de data usa-se [s. d.] (sine data). Quando não houver certeza, usa-se “?”. (segundo o capítulo 8 do AACR2)” (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.4);</p>
Técnica/Suporte	Catalogação feita segundo código internacional da FISAE que determina os símbolos de técnicas	<p>Adotou-se símbolos indicados por Luiz Felipe Stelling (2014) que carregam a tradução de algumas técnicas indicadas pela FISA. Caso não se identifique a técnica na listagem de Stelling, ver lista completa na página da Fisae,.</p> <p>“Foram mantidas as indicações de técnicas feitas pela Professora Stella Maris, mesmo que não exista esta informação no <i>ex libris</i>. Caso a informação presente no <i>ex libris</i> seja contrastante com a anotada pela Professora Stella Maris, será colocada a informação que consta na obra.”(PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.5)</p>
Notas	Descrição de temas, quantidades e variantes: simbólicos; heráldicos; paisagísticos; eróticos; religiosos; selos; abstratos; geométricos; conceituais e virtuais.	No caso de variantes, adotou-se a identificação de cada exemplar por letras em ordem alfabética (ex: 1a, 1b, 1c), modelo não previsto na catalogação da Stella Maris. Para cada nota, deve-se antepor um travessão (segundo as

		normas da AARC2 – cap. 8.7). (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.6)
Dimensões	Segundo Bertinazzo (2012) a medição de cada <i>ex libris</i> a partir da margem.	“Diferente do modelo proposto por Stella Maris, optou-se por fazer mais de uma medição, diferenciando a dimensão da área de impressão (I), da dimensão do suporte (S) em que a impressão se encontra, de modo a facilitar a identificação das variantes.” (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.7)
Tombo	Número de registro patrimonial.	“manteve-se o tomo estabelecido pela Stella Maris. No caso de novas aquisições que forem catalogadas no Pergamum, deve-se anotar o número de acervo e exemplar.” (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.7)
Aquisição	Sem registro.	“Esta opção será preenchida para o caso de novas aquisições, indicando o modo de aquisição: doação, compra ou intercâmbio. Para compras serão anotados os nomes dos fornecedores e para doação e intercâmbio o nome do doador ou instituição de origem (FERREZ, 1994).” (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.7)

3.3 Quadro comparativo, proposta de Bertinazzo e atualização de Parpinelli e Greenhalgh, para processo de Classificação e Indexação

Quadro 2 - Quadro comparativo, proposta de Bertinazzo e atualização de Parpinelli e Greenhalgh, para processo de Classificação e Indexação

Procedimentos de Classificação e Indexação	Proposta elaborada por Bertinazzo (2012)	Atualização da diretriz elaborada por Parpinelli e Greenhalgh (2018)
Classificação	Classificação quanto às categorias: simbólicos, heráldicos, paisagísticos, eróticos, religiosos, selos, abstratos, geométricos, conceituais e virtuais, segundo Bertinazzo (2012)	Adicionou-se as categorias “Institucional e Comemorativo, adotadas também na Coleção da Biblioteca Pública do Paraná (2002)” (PARPINELLI; GREENHALGH, 2018, p.14)
Indexação	Sem registro identificado	Segundo Parpinelli e Greenhalgh (2018), utiliza-se cinco termos, aceitando a noção de ícone, índice e símbolo apontados por Paulo Roberto Gomes Pato.

3.4 Organização

No que diz respeito às técnicas de Organização, é possível observar que questões subjetivas foram, e ainda estão presentes. Como exposto no segundo capítulo, as técnicas adotadas no modelo proposto por Stella Maris Bertinazzo (2012) em que se fez uso de caixas com forro de papel neutro para acomodar os *ex libris*, que fora colados com Carbox Metil Celulose em papel neutro, para que se evitasse o uso do carimbo de registro de tombo no próprio *ex libris*. Na proposta atualizada por Parpinelli e Greenhalgh (2018), identificou-se a questão subjetiva de que em alguns *ex libris* a cola se solta facilmente. Para que fosse evitado a perda por manuseio, segundo Parpinelli e Greenhalgh (2018), adotou se o modelo de envelopes demonstrado pela figura 12. Essa solução, recentemente, apresentou outro fator subjetivo ao se pensar a organização da coleção de *ex libris* de Jorge de Oliveira, sendo suscetível à mudanças.

Fatores subjetivos podem ser vistos na organização da coleção de Homero Pires, onde foi decidido, segundo Bertinazzo, em manter o formato original e anotações do colecionador. Essas escolhas em manter a originalidade, trás um formato particular a coleção como um todo. Diana Dianovsky (2011, p.39) explica essa questão a partir da perspectiva dos arquivos pessoais que carregam em si a memória e que abarcam a subjetividade de seu titular. O fato de serem mantidos com modelo original, traz aspectos sociológicos mais complexos na formação do acervo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, objetivou-se em demonstrar as questões subjetivas que permeiam as práticas da rotina de trabalho de profissionais que lidam com objetos de valor histórico-cultural em bibliotecas consideradas centros de memória, termo esse escolhido para denominar a biblioteca em estudo, adotado por Eduardo Murguia e Yassuda (2007), dando caráter distinto a biblioteca.

As questões subjetivas podem ser recorrentes quando um gestor, munido de experiências e inquietações acerca de seus processos de trabalho, enxerga situações em que métodos adotados e homologados, já não fazem sentido para se aplicar nas práticas futuras. Essas inquietudes quanto aos métodos de trabalho podem ser influenciadas tanto pelo caráter particular da coleção tratada, como pela vivência do profissional.

Através de sua vivência profissional Diana Dianovsky (2011) contextualiza os processos de trabalho sendo influenciados subjetivamente a partir do perfil de profissionais e instituições. Ela afirma que: “através dessas experiências fui percebendo diferentes regimes de classificação que eram estabelecidos para documentos a partir de perfis das instituições e dos técnicos envolvidos no trabalho” (DIANOVSKY, 2011, p.13)

A partir do caráter complexo do documento tratado, Paula Dal`evedove e Mariângela Fujita (2012) destacam a subjetividade como inerente aos processos técnicos de tratamento do documento. Elas afirmam que:

Por lidar com a compreensão do assunto principal de um documento, a partir de um número limitado de conceitos, a catalogação de assunto é considerada uma operação complexa e subjetiva. Inevitavelmente, o catalogador de assunto possui poder de interpretação quantitativa e qualitativa dos significados, o que lhe permite realizar mais do que generalizações estatísticas ou descritivas, mas uma análise interpretativa e crítica do documento. (DAL`EVEDOVE; FUJITA, 2012, p. 128)

A complexidade do objeto tratado também permeia por questões sociológicas e culturais no processo de formação do acervo, principalmente quando a coleção se origina de particulares, trazendo assim questões distintas ao seu tratamento, com os objetivos de manter a originalidade de do colecionador. “Desta forma o que está em questão nas coleções privadas é seu caráter de interlocução entre subjetividades. Assim, por mais que sejam personalizadas e individualizadas, as coleções se constroem em relação ao outro.” (DIANOVSKY, 2011, P. 43.)

Paula Regina Dal`evedove (2010) partindo de estudos das questões cognitivas que influenciam as ações profissionais que lidam com informação, traz ainda a perspectiva voltada

às necessidades de informação do usuário como um dos fatores responsáveis para a mudança de postura frente ao tratamento técnico e organização da informação documental, sendo assim ela explica que

as necessidades atuais oriundas de uma sociedade incansável por informações e conhecimentos despertam uma nova perspectiva de se pensar a realidade, a qual incide numa postura que parta do profissional da informação inserido em contextos específicos de atuação, com intuito de refletir sócio-cognitivamente o processo de tratar e representar as informações documentais. (DAL`EVEDOVE, 2010, p. 122)

Independentemente da origem da subjetividade nos processos de tratamento, que está intrínseca ao processo de trabalho do bibliotecário, é importante destacar o papel da formação acadêmica no desenvolvimento da capacidade crítica do profissional. “Portanto, julga-se necessário frisar que as instituições formadoras devem ensinar, durante os anos de formação acadêmica, a prática do processo de maneira mais realista e dinâmica, o que amplia a responsabilidade do corpo docente.” (DAL`EVEDOVE; FUJITA, 2012, p. 138)

Após esse estudo, algumas questões podem ser possivelmente levantadas em razão da inquietação sobre a influência da subjetividade na ação do gestor. Qual impacto na formação de uma coleção ao se deparar uma questão subjetiva? Qual impacto do tipo de coleção, principalmente sendo oriunda de particulares, na forma com que se pensa sua organização? A finalidade não é responder esses questionamentos, mas trazer essa percepção de complexidade de se tratar objetos histórico-culturais em bibliotecas.

REFERÊNCIAS

AUGUSTIN, Raquel Garcia; BARBOSA, Cátia Rodrigues. Políticas de gestão de acervos: possíveis fontes de informação para tomada de decisão nos museus. **Perspectivas em Gestão e Conhecimento**, v. 8, n.1, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/35036>. Acesso em 4 jun. 2019.

AQUINO, Suely Henrique; NASCIMENTO, Nêmora C.F. **Um pouco da história da Biblioteca Central da UnB**. Brasília: Universidade de Brasília, 1989.

BERTINAZZO, **Stella Maris de Figueiredo**. *Ex libris: pequeno objeto de desejo*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 2012. 405 p.

BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. História da BCE. Disponível em: <https://www.bce.unb.br/sobre-a-bce/historia-da-bce/>. Acesso em 2 abr. 2019

BRASIL. **Lei n. 3.998 de 15 de dezembro de 1961** . Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L3998.htm. Acesso em: 2 abr. 2019.

BRASIL. **Decreto n. 500 de 15 de janeiro de 1962**. Institui a Fundação Universidade de Brasília. Diário Oficial da União, Brasília, 16 nov. 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dcm/dcm500.htm. Acesso em 2 abr. 2019.

CARVALHO, Maria da Conceição; FERNANDES, Cleide. Conservação de livros raros: relato de uma experiência pedagógica. **Perspectiva em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, jan./abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362006000100008&lang=pt> Acesso em 14 maio 2019.

DAL' EVEDOVE, Paula Regina. **A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes à percepção profissional**. Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/dalevedove_pr_me_mar.pdf. Acesso em 15 jun. 2019

DAL' EVEDOVE, Paula Regina; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Teoria e prática em catalogação de assunto: a sistematicidade do processo em contexto de bibliotecas universitárias pela perspectiva profissional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.4, p.123-141, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n4/08.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019

DIANOVSKY, Diana. **Sentidos em construção no arquivo Arthur Ramos: deslocamentos, classificação, indivíduo e autoria.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FONSECA, Edson Nery da. Universidade de Brasília: história com um pouco de doutrina e outro tanto de memórias. **jR Bibliotecon**, Brasília n. 1, jan./jun. 1973. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/19870/18317>. Acesso em: 2 abr. 2019.

LACERDA, Ana Regina Luz. O acervo de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília: tentativa de estabelecer suas origens. SNBU, 2016.

MULIN, Rosely Bianconcini. Ex libris: a desconhecida arte , tão antiga como o próprio livro. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/481> Acesso em: 6 maio 2019.

MURGUIA, Eduardo Ismael; YASSUDA, Sílvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAM. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 65-82, set./dez, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n3/a06v12n3.pdf>. Acesso em 6 maio 2019

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon, Florianópolis , 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87/19836> Acesso em 6 maio 2019.

PARPINELLI, Gabriella Servelline de Farias; GREENHALG, Raphael Diego. **Diretrizes para a gestão e processamento técnico da coleção de Ex libris do SiB-UnB**, Universidade de Brasília, 2018.

POMIAN, K. Coleção. In: ROMANO, R. **Enciclopédia Einaudi: Memória/História**. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1984. v.1; p.51-85.

SOUZA. Ingrid Lopes de; AZEVEDO, Fabiano Cataldo; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. **Coleções Especiais e valor de memória: reflexões no contexto de bibliotecas universitárias**. ENANCIB, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/35322741/Cole%C3%A7%C3%B5es_Especiais_e_valor_de_mem%C3%B3ria_reflex%C3%B5es_no_contexto_de_bibliotecas_universit%C3%A1rias. Acesso em: 6 maio 2019

SPINELLI, Jayme. **Conservação de acervos bibliográficos e documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. Disponível em < <http://arquivo.bn.br/planor/documentos/ConservacaoAcervosBibliograficosDocumentais.pdf>> Acesso em 20 maio 2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Guia da Biblioteca Central. Brasília**, 1970.

VOLPINI, Elton Eugênio. Programa para o projeto do edifício da Biblioteca Central. Prefácio. In: POOLE, Frazer G. **Programa para o projeto do edifício da Biblioteca Central**. Brasília: Universidade de Brasília, 1973.

VOLPINI, Elton Eugênio. A Biblioteca Central da Universidade de Brasília e o planejamento do seu novo edifício. **JR Bibliotecon**, Brasília n. 1, jan./jun. 1973. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/19871/18318>. Acesso em: 17 abr. 2019

ZANATTA, Eliane Marchesini. Subjetividade e Objetividade: às decisões nos processos de conservação e restauração dos bens culturais. **Hórus**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11779>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

APÊNDICE

APÊNDICE A - DIRETRIZES

DIRETRIZES PARA GESTÃO E PROCESSAMENTO TÉCNICO DA COLEÇÃO DE *EX LIBRIS* DO SiB-UnB

Gabriella Cervellini de Farias Parpinelli

Raphael Diego Greenhalgh

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é estabelecer diretrizes sobre a gestão da coleção de *ex libris* do Setor de Obras Raras do Sistema de Bibliotecas (SiB) da Universidade de Brasília (UnB). Portanto, o mesmo apresenta informações quanto aos campos estabelecidos para catalogação e o preenchimento destes, levando em consideração a proposta original, elaborada pela Professora do Instituto de Artes, Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo e trazendo novas abordagens. Também são apresentadas normas para o acondicionamento físico do acervo e para futuras doações e intercâmbios de itens.

Segundo Bertinazzo (2012, p. 25), o *ex libris* pode ser definido como “uma espécie de selo de propriedade, incontestável e universal, que vem colado na face interna da capa, no rosto ou anterrosto do livro, valorizando-o.” Do ponto de vista ortodoxo, eles devem conter o nome do seu proprietário e a inscrição “*ex libris*”. No entanto, há autores que defendem uma conceituação menos rígida, considerando-os como qualquer marca de posse, pois essas regras nem sempre são seguidas.

Não se sabe exatamente a origem da Coleção do SiB-UnB, devido à ausência de registros que indiquem sua procedência. Sabe-se, entretanto, que a BCE adquiriu algumas bibliotecas de grandes colecionadores, como Agrippino Grieco, Carlos Lacerda, Pedro Nava e Homero Pires, e com elas vieram anexadas pequenas coleções de *ex libris*. A maioria dos exemplares foram produzidos no Brasil, mas existem também de outros países, como Alemanha, Espanha e Portugal, sendo em sua maioria, de meados do século XX. Conseguimos também identificar que boa parte da coleção veio junto ao acervo do Homero Pires, mantendo-se até hoje a organização original dada por este bibliófilo.

Pelo fato de não existirem no Brasil códigos de catalogação e classificação específicos para *ex libris*, optou-se por manter grande parte das medidas adotadas na catalogação da Professora Stella Maris, acrescentando a esta outros campos. Isto foi possível por meio da observação de outros catálogos brasileiros, assim como por meio da incorporação de normativas internacionais. Entre os materiais consultados estão o *Catálogo da Coleção da Biblioteca Pública do Paraná*, o *Livro dos Ex-libris* com organização de Alberto da Costa e Silva e Anselmo Maciel, que traz as coleções de *ex libris* do Barão do Rio Branco, Paulo Bodmer, Santos Sobrinho, Luiz Felipe Stelling e Academia Brasileira de Letras, assim como o livro *Ex-libris* organizado por Plínio Martins Filho e que traz a coleção da Livraria Sereia de José Luís Garaldi, entre outros. Também foram levadas em consideração as normas de identificação da técnica de impressão do *ex libris* adotada pela *Fédération Internationale des Sociétés d'Amateurs d'Ex-Libris (Fisae)*.

2 Catalogação

De acordo com Bertinazzo (2012), a catalogação trata da descrição física do documento mediante dados contidos no próprio (ex: autor, título, data), visando a sua organização e recuperação da informação. Para a uniformização desses dados, teve-se como base a 2ª edição do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2). A principal fonte de informação será aquela que estiver no retro do *ex libris*, sendo o verso uma fonte auxiliar para a catalogação.

Na catalogação de *ex libris* foram utilizados os seguintes campos:

- **Proprietário:** que ou aquele que detém a posse legal de um bem. Mantendo a catalogação da Professora Stella Maris, esse campo foi realizado com entrada feita pelo sobrenome do proprietário. Para entidade, adotou-se a entrada diretamente pelo nome que comumente a identifica. (seguindo as normas do AACR2). Para o caso de *ex libris* comemorativo, referencia-se a instituição ou pessoa responsável.

Exemplo:



Figura 1 – *Ex Libris* Luella S. de Vasconcellos, Brasil.

Fonte: Bertinazzo (2012, p.167)



Figura 2 – 2ª Exposição Brasileira de *Ex-libris*, Brasil.

Fonte: Biblioteca Pública do Paraná (2002, p.223)

Proprietário [Fig.1]: Luella S. de Vasconcellos → Vasconcellos, Luella S. de.

Entidades [Fig.2]: Sociedade dos Artistas Nacionais → S. A. N. (Sociedade dos Artistas Nacionais)

- **Artista /nº** - aquele que produziu a arte. Para o caso de artistas serem também os proprietários, adota-se o termo “Ipse fecit” do modo escolhido pela Stella Maris e padrão entre os colecionadores Stelling (2014).

Exemplo:



Figura 3 – *Ex Libris* comemorativo ao centésimo desenho de Alberto Lima
Fonte: Bestinazzo (2012, p.166)

Artista [Fig.3]: Alberto Lima → Ipse ecit

- **Divisa:** Toda informação textual, exceto as palavras *ex libris* e nome do proprietário e/ou artista. O termo “divisa” foi utilizado por Silva e Maciel (2014).

Exemplo:



Figura 4 – *Ex Libris* Georges Goury
Fonte: Silva e Maciel (2014, p.105)



Figura 5 – Termo
Fonte: Silva e Maciel (2014, p.105)

Divisa [Fig.4] → “fert in omnia rutubam et tristitiam terribilis amor”

- **Publicação:** informações referentes ao local e data da produção. Decidiu-se por manter a vírgula separando local e data, pois, este é um tipo de objeto que não possui uma editora. Quando não

houver informações sobre local, usa-se a sigla [s. l.] (sine loco) e de data usa-se [s. d.] (sine data). Quando não houver certeza, usa-se “?”. (segundo o capítulo 8 do AACR2)

Exemplo:



Figura 6 – *Ex Libris* Manuela Lima
Fonte: Bertinazzi (2012, p.159)

Publicação [Fig.6]: *Ex libris* (Lima, Manuela) → Rio de Janeiro, 1948



Figura 7 – *Ex Libris* Emilio Orduña
Fonte: Silva e Maciel (2014, p.147)



Figura 8 – *Ex Libris* Eduardo Prado
Fonte: Bertinazzi (2012, p.167)

Publicação [Fig.7]: *Ex libris* (Orduña, Emilio) → [s. l.], 1905.

Publicação [Fig.8]: *Ex libris* (Prado, Eduardo) → [s.l.], [s.d.]



Figura 9 – *Ex Libris* Ziza Regis Batista
Fonte: Do autor (2018)



Figura 10 – Detalhe *Ex Libris* Ziza Regis Batista
Fonte: Do autor (2018)

Publicação [Fig.9 e 10]: *Ex libris* (Batista, Ziza Regis) → [s. l.],1951?

- **Técnica/ Suporte:** informações sobre a técnica de impressão usada e referentes ao tipo de material da obra, diferente do papel (tecido, madeira, etc. – se possível especificar).

Quanto à técnica, serão adotados os símbolos indicados por Stelling (2014) que traduz algumas das técnicas indicadas pela Fisae, que segundo o autor são as principais técnicas de impressão:

C1: buril (gravura em aço)	C2: talho-doce
C3: água-forte	C4: ponta-seca
C5: água-tinta	C7: maneira-negra
CGD: matriz digital produzida por computador	L ¹ : litografia
P1: clichê, com imagens formadas por traços e linhas	P2: clique meio-tom, com imagem formada por uma trama de pontos (retícula)
P3: heliogravura	P7: offset
P8: fotografia original ou holograma	S ² : serigrafia
T: tipografia (uso de tipos móveis, como na feitura de etiquetas)	X1: xilografia à veia
X2: xilografia de topo	X3: linoleogravura
X6: gravura em plástico	Y: fotocópia

Observação: No caso de identificação de alguma técnica não relacionada acima verificar a lista completa no site³ da Fisae⁴.

Foram mantidas as indicações de técnicas feitas pela Professora Stella Maris, mesmo que não exista esta informação no *ex libris*. Caso a informação presente no *ex libris* seja contrastante com a anotada pela Professora Stella Maris, será colocada a informação que consta na obra.

- **Notas:** Nesse campo serão incluídas principalmente as informações adicionais ao conteúdo dos *ex libris* (ex: carimbos, riscos, anotações manuscritas, entre outros) e informações sobre suas variantes. Para Esteves (1956, p. 119) “variantes” são cópias diferentes que muitos possuidores mandam tirar dos seus *ex libris*. Por exemplo, “variantes”, em cores, em tamanho ou porque, por simples descuido no desenho ou na impressão, saíram errados. As primeiras provas dos *ex libris*, provas de escova, são consideradas “variantes” e figuram, como exemplares raros, em muitas coleções”.

¹ No site da Fisae é L1

² No Site da Fisae é S1

³ <http://www.fisae.org/>

⁴ A Stella Maris usa muito o símbolo X5, que representa gravuras em relevo, em metal.

Exemplo:



Figura 11 – Academia Valenciana de Letras – nº 11
Fonte: Do autor (2018)

Notas [Fig.11]: *Ex libris* nº 11 (Academia Valenciana de Letras)→ - Inscrição, à ceta: “Prova”

No caso de variantes, adotou-se a identificação de cada exemplar por letras em ordem alfabética (ex: 1a, 1b, 1c), modelo não previsto na catalogação da Stella Maris. Para cada nota, deve-se antepor um travessão (segundo as normas da AACR2 – cap. 8.7).

Exemplo:



Figura 12 – *Ex Libris* Gerardo L. do Amaral – nº 28 (Exemplar 28a)
Fonte: Do autor (2018)



Figura 13 – *Ex Libris* Gerardo L. do Amaral – nº 28 (Exemplar 28b)
Fonte: Do autor, (2018)



Figura 14 – *Ex Libris* Gerardo L. do Amaral – nº 28 (Exemplar 28c)
Fonte: Do autor (2018)

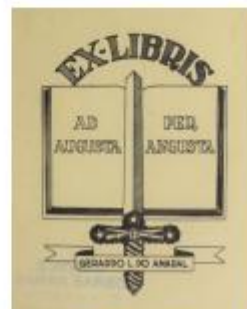


Figura 15 – *Ex Libris* Gerardo L. do Amaral – nº 28 (Exemplar 28d)
Fonte: Do autor (2018)

Notas [Fig.12 - 15]: *Ex libris* nº 28 (Amaral, Geraldo L. do) → - Variante de papel, cor e tamanho (Exemplar 28a: impressão cor preta; Exemplar 28b: papel couchê com impressão azul; Exemplar 28c: papel na cor azul com impressão na cor preta; Exemplar 28d: papel cor amarela com impressão na cor preta.)

- **Dimensões:** medição de cada item, em centímetros. Diferente do modelo previsto por Stella Maris, optou-se por fazer mais de uma medição, diferenciando a dimensão da área de impressão (I), da dimensão do suporte (S) em que a impressão se encontra, de modo a facilitar a identificação das variantes. As dimensões são dadas sempre na ordem: altura x largura, tanto da impressão quanto do suporte. No caso de suporte tridimensional (ex: suporte em madeira), mede-se: altura x largura x profundidade conforme sugere Cândido (2006, p. 58-59)

Exemplo:



Figura 16—Exposição Municipal do Livro - Medição Ilustração
Fonte: Do autor (2018)



Figura 17—Exposição Municipal do Livro - Medição Suporte
Fonte: Do autor (2018)

Dimensões [Fig. 16 e 17]: *Ex libris* nº 4 (Exposição Municipal do Livro) → I: 9,2 x 2,5 / S: 13 x 5

- **Tombo:** manteve-se o tombo estabelecido pela Stella Maris. No caso de novas aquisições que forem catalogadas no Pergamum, deve-se anotar o número de acervo e exemplar.

- **Aquisição:** Esta opção será preenchida para o caso de novas aquisições, indicando o modo de aquisição: doação, compra ou intercâmbio. Para compras serão anotados os nomes dos fornecedores e para doação e intercâmbio o nome do doador ou instituição de origem (FERREZ, 1994).

3 Classificação e Indexação

No catálogo de *ex libris* também foram acrescentados campos relativos à classificação dos itens e à indexação dos exemplares, onde foram estabelecidos termos ligados ao assunto imagético de cada obra, de modo a recuperar por suas características visuais.

- **Classificação:** foram mantidas as categorias estabelecidas pela Professora Stella Maris e serão adicionadas outras duas, como Institucional e Comemorativo, adotadas também na Coleção da Biblioteca Pública do Paraná (2002), decidido desta forma, pela frequência de exemplares encontrados com essas características na coleção de *ex libris* do Sib-UnB.

As categorias adotadas são:

Selo: quando em forma de etiquetas, contendo o simples nome do proprietário, ou ainda ornados com vinhetas tipográficas.

Exemplo:



Figura 18 – Selo Angelita Ruaix de Hospital – nº 35
Fonte: Do autor (2018)

Monogramático: quando há uma sobreposição, agrupamento ou combinação de duas ou mais letras ou elementos gráficos para formar um símbolo.

Exemplo:



Figura 19 – Ex libris A.N (Arquivo Nacional) – nº 8
Fonte: Do autor (2018)

Simbólico: traduzem ideias, aspirações, comportamentos, ocupações habituais, aspectos humorísticos, ligados diretamente ao proprietário.

Exemplo:



Figura 20 – Ex libris Jayme Borges de Araújo – nº 41
Fonte: Do autor (2018)

Paisagístico: referentes aos diversos tipos de paisagens.

Exemplo:



Figura 21 – *Ex libris* Francisco Marques dos Santos
Fonte: Martins Filho (2008, p.58)

Heráldico: quando no motivo principal constarem brasões ou insígnias de indivíduos ou de clãs.

Exemplo:

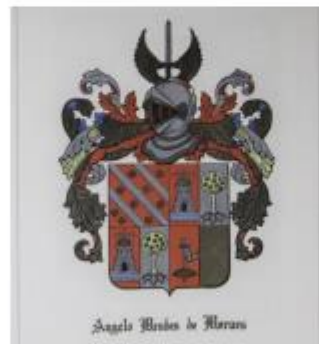


Figura 22 – *Ex libris* Ângelo Mendes de Moraes
Fonte: Biblioteca Pública do Paraná (2002, p.33)

Erótico: quando apresentam conotação sensual. Conforme definição do Michaelis (1998, p. 841) erótico é: 1 Relativo ou pertencente ao amor sexual; amatório. 2 Que tende a provocar amor ou desejos sexuais. 3 Que trata de amor sexual, descrevendo-o.

Exemplo:



Figura 23 – Ex libris Kleber Cardoso – nº 136
Fonte: Do autor (2018)

Institucional: quando o proprietário for pessoa jurídica

Exemplo:



Figura 24 – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – nº 102
Fonte: Do autor (2018)

Comemorativo: quando confeccionado em razão de um evento ou em homenagem a alguém ou a algum fato.

Exemplo:



Figura 25 – *Ex libris* Artigas – nº 50
Fonte: Do autor, (2018)

Obs: No caso de exemplares que se enquadram em mais de uma categoria, deve-se colocar na ordem de predominância.

Exemplo:



Figura 26 – *Clube Internacional de Ex libris* – nº 2
Fonte: Do autor (2018)

Categoria [Fig. 23]: *Ex libris* (*Clube Internacional de Ex libris*) → Comemorativo/
Paisagístico.

- **Indexação:** utilização em média de 5 termos para cada espécime, fazendo dentro do possível uma atribuição de termos para a leitura subjetiva da imagem, levando em consideração as noções de ícone, índice e símbolo sugeridas por Pato (2015) para indexação de fotografias.

Ícone: é um signo cujo caráter é a qualidade de algo que ele suporta. É um signo visual que representa um objeto ou coisa.

Índice: se define pela relação real com o objeto. O índice só diz algo porque esta vinculado a um ícone. Aponta alguma coisa com o qual esta ligada por semelhança ou proximidade no lugar de representá-la.

Símbolo: pela sua natureza, tende para um interpretante. São abstratos, associação de ideias produzidas por uma convenção.

Exemplo:



Figura 27 – Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos)

Fonte: Martins Filho (2008, p.53)

Indexação [Fig.27]: *Ex libris* (Paranhos, José Maria da Silva) → Barão do Rio Branco. Paisagem. Niterói. Praia de Icarai. Pedra Itapuca. Corcovado. Rio de Janeiro. Marc Ferrez⁵. Agry⁶.

4 Organização

Para as obras que já foram tratadas, optou-se por manter o modelo da Stella Maris com a utilização de caixas de acondicionamento, com revestimento interno em papel livre de acides e externo em papel marmorizado. As caixas serão confeccionadas conforme as medidas da figura 28 abaixo:

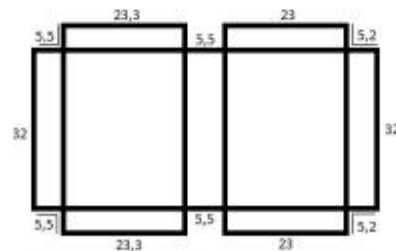


Figura 28 – Molde para confecção de caixas de acondicionamento.

Fonte: Do autor (2018)

⁵ A paisagem foi inspirada em uma foto do Marc Ferrez.

⁶ Artista que gravou o *ex libris* (ESTEVES, 1956)



Figura 30 – Caixa desenvolvida para abrigar os exemplares da coleção *Ex libris* da Seção de Obras Raras da BCE.
Fonte: Bertinazzo (2012, p.162)

Para as obras que ainda não foram tratadas e para futuras aquisições, será adotado o armazenamento por meio de envelopes (papel A4 ou filifold), substituindo o método de colagem do *ex libris* em papel livre de acidez com metilcelulose, pois verificou-se que alguns exemplares estão se soltando da folha podendo ocasionar a perda dos mesmos no manuseio. As informações de identificação da obra serão escritas por fora do envelope.

5 Normas de doação e intercâmbio de itens

Para as obras que forem duplicatas, optou-se por manter na coleção o exemplar em melhor condição de conservação. Seu semelhante ficará disponível para fazer intercâmbio com outras instituições ou colecionadores em troca de exemplares que ainda não constam no acervo. Na troca sempre haverá preferência por aquisição de um exemplar de artista ou proprietário brasileiros.